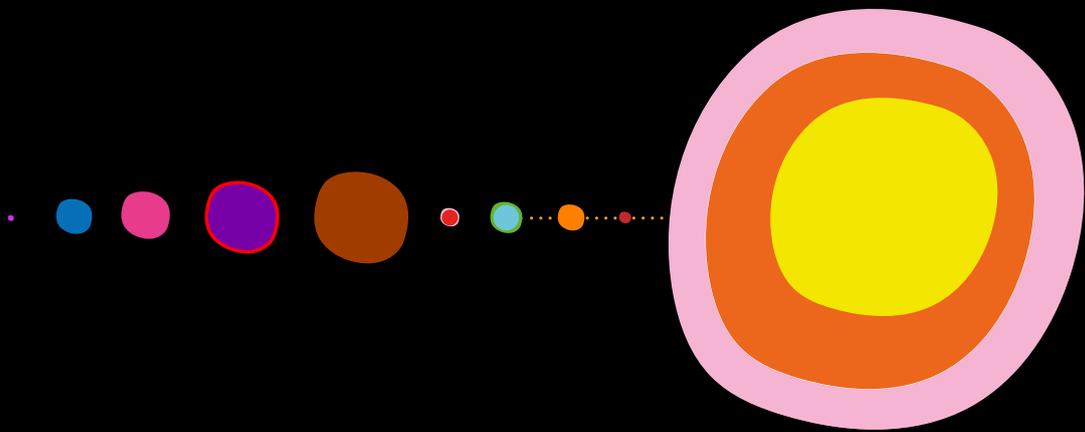
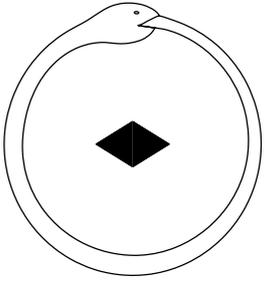


NA TRILHA DO SOL  
José Miguel Wisnik



cadernos  
SELVAGEM



## NA TRILHA DO SOL

José Miguel Wisnik

*Este caderno foi elaborado a partir da fala de José Miguel Wisnik sobre o Sol, gravada no dia 24 de abril de 2024, no Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona, em São Paulo. O evento contou ainda com falas de Júlia de Carvalho Hansen, Eduardo Góes Neves, Camila Mota e Cafira Zoé, convidados a se alinharem no teatro como Júpiter, Terra, Vênus e Plutão. José Miguel Wisnik, nesta trilha de planetas, foi Saturno. A fala de José Miguel, além dos demais convidados da noite, pode ser [acessada aqui](#) como parte do Ciclo Sol, que conta com 17 narrativas.*

Junto com o meu agradecimento pelo convite, quero agradecer também o fato de esse encontro ter sido pensado como um alinhamento. Estamos aqui na trilha do recado. Os recados apontam para o Sol, e o Sol se irradia por eles, até o trans-saturnino (Plutão).

Ao dizer isso, já estou falando de um conto de Guimarães Rosa que contém, de maneira nem sempre explícita, mas inscrita nele, essa conversa toda que estamos tendo aqui. Eu acabei de sentir, pelo que o Eduardo Góes Neves dizia<sup>1</sup>, que a obra de Guimarães Rosa é inseparável do Cerrado. É inseparável desse bioma. Ela é uma expressão maravilhosa daquela extraordinária biodiversidade que Guimarães Rosa transforma numa biodiversidade linguística e poética. Nele, o bioma é idioma, e vice-versa. Isso é evidente em tudo o que ele escreveu, mas especialmente talvez no livro *Corpo de Baile*, que, na sua primeira edição (1956), tinha como centro o conto “O Recado do Morro”. São sete novelas que gravitam em torno deste conto e que são diferentes expressões desse mundo do qual brota vida. E é ali geografia física e geografia humana que se expressam em recados. As mensagens não estão ali simplesmente para se completarem quando passam de alguém para outro, mas estão ali para passar de alguém para outro e outrem e outrem e mais outro.

A história do conto é a história de uma viagem em que alguns personagens, digamos, da elite sertaneja, levam um naturalista escandinavo

---

1. A fala de Eduardo Góes Neves, gravada no mesmo dia da fala de José Miguel Wisnik, pode ser [acessada aqui](#).

para conhecer o sertão. Mas, ao longo dessa viagem, eles vão topando com recadeiros, que são figuras que surgem e dizem. O primeiro deles, que é o saturnino e que está próximo justamente de uma fazenda do seu José Saturnino, se chama Gorgulho e vive há 30 anos – tempo do ciclo de Saturno – numa dessas grutas mineiras do mundo do Cerrado. Aprendi certa vez que, nessa região, há um tipo de relevo cárstico, de calcário. O próprio conto diz a certa altura: “tudo calcário”. Essa é uma rocha extraordinariamente plástica, que faz com que ela seja entranhada pelas águas e tenha uma dimensão visível e a outra dimensão invisível dos rios subterrâneos, das cavernas, das grutas e sumidouros, nos quais, se se jogar uma pedra, não se ouvirá onde ela caiu. Assim como certos riachos que correm na superfície, de repente, caem num sorvedouro e, num “tardo gorgolo musical”, desaparecem e vão surgir depois do morro lá adiante, rebrotando “desengulidos”, diz o texto, “num bilo-bilo fácil”, no “fiúme de um riachinho”. Estou fazendo questão de dizer essas palavras, inclusive diz o texto que essa água engolida pela terra tinha o nome gentio, isto é, indígena, de *Anhanhohacanhuva*. *Anhanhohacanhuva* é uma palavra mântica, que podemos aprender e ter como um talismã ou um amuleto.

Tudo isso é Gorgulho, o mundo de Gorgulho, que vive dentro da gruta. É ele que sai a caminho e encontra a comitiva. Apontando para o morro da Garça, que é um morro que está numa espécie de centro geodésico de Minas Gerais e que tem a forma escalena de uma pirâmide, ele diz que o morro está falando, que o morro está dizendo coisas. E ele diz palavras que não parecem inteligíveis num primeiro momento, que são enigmáticas, mas falam em luta e morte, alguma coisa que está entre a luta e a festa.

Aqueles que viajam não sabem bem o que tudo aquilo diz e continuam viajando. Lá adiante encontram outro recadeiro que é Catraz, irmão do Gorgulho. Eu não vou entrar em detalhes porque nós só podemos dar aqui a trilha geral do recado. O Catraz tinha ouvido o irmão contar e conta de novo o recado. Cada um conta do seu jeito e o altera a seu modo, imprimindo ao recado uma outra inflexão, digamos. E o que caracteriza Catraz é que ele é um fantasioso, um inventor, uma espécie de Leonardo da Vinci sertanejo. Ele tem um projeto de arioplãe, um avião

que voaria puxado por urubus com uma vara que poria na frente deles uma carniça de maneira que eles, procurando a carniça, levantam voo e carregam com isso o arioplãe. Catraz também inventou um carro que anda sem motor, porque vai no declive, na rampa e aproveita a inclinação. Esse é o segundo recadeiro.

O terceiro é um menino chamado Joãozezim, que ouve essa história e quer entender o que é aquilo tudo que continua pouco explicado. O desejo do menino é transformar aquilo em linguagem, saber como se entende, como se pensa isso que está sendo narrado. E ele não encontra a quem contar essa história, como criança que é, senão para um outro personagem, que é o quarto recadeiro chamado Guégue, que é um bobo, dizia-se no próprio texto. Guégue é aquele que não sabe bem das coisas, não sabe bem o que é e é extremamente favoroso. Ele vive fazendo o bem, consertando cercas, levando um doce numa fazenda e levando recados. Mas, justamente ao levar recados, ele leva o mesmo recado que já levou para outra pessoa, vai espalhando recados e se confundindo no caminho. É esse que está no centro dos recados, o quarto recadeiro. E esse que ouve do menino a história tal como o menino procura explicar.

Guégue, por sua vez, conta para – como direi? – um eremita visionário, chamado Nômindômine, que anuncia o fim do mundo. Quando ouve aquela história de luta e morte, com tambores, guerra e festa, o quinto recadeiro entende que o fim do mundo finalmente chegou e que esse é o aviso. Ele sai para avisar no arraial, na pequena cidade, que todos se preparem, que economizem tempo e se convertam rapidamente diante da iminência do fim. Esse é o recado na versão do quinto recadeiro. Curiosamente, quando se imbui disso, ele chama Guégue e diz: “Vamos juntos! Vamos pegar o mundo pelas alças.” E Guégue diz: “Não, eu tenho que levar um doce ali numa fazenda”. Isso é maravilhoso em matéria de que cada um sabe qual é o *seu* recado.

Esse recado apocalíptico do Nômindômine é ouvido por outro malquinho local no arraial, o Coletor, que se imagina rico. Ele acredita que a sua fortuna só aumenta e vai escrevendo nas paredes contas sempre de somar. Nas suas contas, ele percebe que, se somar sempre com o número 9999, elas rendem mais. E ele é rico dessa profusão que está sob seu poder e é ele agora quem dá o recado à sua maneira. E dá o recado

dizendo que arrenega esse negócio de fim do mundo, justo agora quando ele está mais e mais rico. Ele é o sexto recadeiro, e o sétimo é o cantador local, Laudelim Pulgapé, que ouve aquilo e compõe uma canção.

Essa canção é cantada numa festa de lua cheia em que se revela que a canção é o recado. Esse recado é para o guia estradeiro chamado Pedro Orósio, que, de certo modo, é a Terra. O viajante, o guia estradeiro, é a Terra e Mercúrio, a estabilidade e o movimento. É ele que tem que receber o recado. Se não souber ouvir, ele não saberá que está sendo vítima de uma emboscada. Sua vida depende que ele saiba ouvir o símbolo. Se ele não ouvir a canção por dentro, isso significará a sua aniquilação.

Mas, dito isso tudo, eu remeto vocês ao conto propriamente dito. E para nós hoje, nesse alinhamento, eu só quero dizer o seguinte: Guimarães Rosa cifrou nessa viagem, nesses sete recadeiros, os sete planetas que estão implicados nele. Aliás, ele dá essa indicação muito matreiramente, porque diz, a certa altura, que a viagem parou em sete fazendas. Uma é o seu Saturnino, como já dissemos, mas a outra é o Jove, a Nhá Selena, a dona Vininha, o Marciano, Nhô Hermes. Vocês veem que são nomes verossímeis sertanejos, mas são a Lua, que é Nhá Selena, Dona Vininha, que é Vênus, Nhô Hermes, que é Mercúrio, Marciano, que é Marte, etc. E a viagem termina onde? No Apolinário, “dentro do Sol”. Na verdade, toda essa viagem é o alinhamento de uma coisa que vai de Saturno ao Sol, e trata-se do recado que se faz nesse processo de Saturno ao Sol.

Há várias versões de símbolos, que, como disse a Júlia de Carvalho Hansen<sup>2</sup>, são tão diversos e permitem tantas inflexões, tantas versões e tantos recados que estão contidos neles. Um desses recados simbólicos astrológicos vem do esoterismo islâmico, que, na nossa Idade Média, dizia que os planetas são canais de relação com o mundo, que cada um é uma forma pela qual a gente se relaciona e se comunica. O Sol é o foco da atenção, neste caso. O Sol é aquilo que faz com que a nossa consciência ilumine o que a gente está vendo. Portanto, um Sol em Capricórnio ou em Escorpião é um foco que está vendo todo o tempo, segundo um modo que está ligado a esse símbolo. Enquanto isso, a Lua é o espírito

---

2. A fala de Júlia de Carvalho Hansen, gravada no mesmo dia da fala de José Miguel Wisnik, pode ser [acessada aqui](#).

corporal, algo não verbal, que a gente sente como um estado difuso, cambiante, mais lento, que, de algum modo, acompanha essa atenção e essa outra coisa que é um estado, um *feeling* lunar. O Mercúrio é o pensamento o encadeamento verbal e lógico, digamos. Vênus, a fantasia, a imaginação criadora. Marte, o sinal de alerta, o alarme, ou seja, aquilo que nos indica que podemos estar em perigo. Júpiter, a vontade, com aquilo que ela tem de afirmativa, digamos. E Saturno, o limite que é dado pelas coisas. A razão, enquanto um pensamento que incorpora os limites do mundo, de diferentes modos. Completado esse ciclo, chegamos, ao final das contas, ao Sol, que está no começo com uma tensão e está no fim com uma integração. O Sol é um instantâneo pelo qual a gente capta o que está acontecendo no foco da nossa atenção.

E, ao mesmo tempo, passados os recados por todas essas instâncias, ele retorna como elemento de integração. Dito isso, só quero dizer a vocês que, no conto de Guimarães Rosa, os sete recadeiros são todos lunáticos. São todos lunáticos, porque todos eles captam alguma coisa que não está verbalizada. Por isso, prestam atenção no recado, coisa que os outros não fazem, porque a atenção é essa atenção para o difuso, para o que não está dito. São os sete maluquinhos lunáticos, são os diferentes planetas. Por quê? Gorgulho é o lunático saturnino, como eu já indiquei antes aqui. Aquele que vive 30 anos numa gruta e é conectado com o fundo do solo. E é neurastênico, não quer ser favoroso, não está ali para ser favor a ninguém, mas acaba dizendo, na sua forma, primeiro a revelação enigmática do recado. Quero só dizer que, quando ele fala e o recado é emitido, as pessoas que tentam entender acabam se dando conta de que não entenderam ainda. Nesse momento, tem um trecho que diz assim:

“O resto era o calado das pedras, das plantas bravas que crescem tão demorosas, e do céu e do chão, em seus lugares.”

Se vocês olharem o último disco de Tom Jobim, o que está escrito na contracapa são essas palavras. Tom Jobim, que é, por sua vez, atento a Rosa e aos biomas, cifrou ali algo como “o recado está dado”. O recado está em movimento.

Muito bem. Mas o Catraz é o fantasioso, ele dá asas à imaginação e se levanta da terra com urubus atrás de uma carniça. Isso move o mun-

do. O menino é caxinguelê de ladino, ele quer entender e ele quer dar voz, dar palavra, dar linguagem. Ele é mercurial, o menino. Guége é o lunático elevado à sua potência máxima. Nômindômine, o profeta, é aquele que declara o estado de alerta, o alarme geral, ou seja, Marte. O outro é a sobrefatura, tudo está sobrando para ele, o jupiteriano. E afinal, aquele que integra todos esses elementos numa canção e que, portanto, dá voz poética e musical a isto, é Laudelim Pulgapé, esse que transforma o recado numa integração solar. Essa é, afinal, uma passagem desse processo todo. A canção que ele faz, no entanto, é uma canção de luta e festa, de luta e morte. É uma canção de uma luta sangrenta que avisa, justamente, para Pedro Orósio, no caso do conto, que algo está se passando ali. Mas a canção é, ao mesmo tempo, a formulação luminosa desse caminho todo.

Então, vou poupá-los de qualquer comentário sobre o quanto tudo isso se liga com o que estamos falando e sendo aqui. E aí, eu quero tocar uma canção que é muito simples e mântica para que a gente, afinal, cante. Essa canção é de um poeta gaúcho, meu parceiro e amigo, chamado Paulo Neves, que fez a letra e a música. E ela tem essa delicadeza dos elementos.

No mar, mora o som de uma sereia

No ar, faz a aranha a sua teia

No fogo, o Sol brilha e se incendeia

Na terra, a dormência de uma ideia

JOSÉ MIGUEL WISNIK é compositor, músico, ensaísta e professor brasileiro. Doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo, onde atuou como professor de literatura brasileira, atua na interface entre música, literatura e filosofia. É autor de livros como *O som e o sentido* e *Maquinação do mundo*, além de compor músicas e trilhas para teatro e cinema.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A direção editorial é de Anna Dantes, a coordenação é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. Mais informações em [selvagemciclo.com.br](http://selvagemciclo.com.br)

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: [selvagemciclo.com.br/colabore](http://selvagemciclo.com.br/colabore)